COLETÂNEAS SEPAM

Histórias de família

Histórias de família

Uma produção dos alunos do 8º ano

Projeto Literário Coletâneas Sepam
Edição 2018

TEXTOS Alunos do 8º ano
PROFESSORA ORIENTADORA Marcela Marabeli de Moraes
REVISÃO Yara Fernanda Novatski
CAPA Rafaela Pacheco
ILUSTRAÇÕES Caio Cezar Propst Trindade
Juliana Taís Ruppel
Rafaela Pacheco
Sophia Heil Betio
SUPERVISÃO DE ARTE Jéssyka Fipke
PROJETO GRÁFICO MAPA Comunicação Integrada

Todos os direitos reservados à Sociedade
Educacional Professor Altair Mongruel Ltda.

Colégio Sepam
Rua General Carneiro, 1171, Centro.
84010-370 - Ponta Grossa-PR - Brasil.
(42) 3225-2677
www.sepam.com.br

H673 História de família: textos alunos do 8º. ano [livro eletrônico]/Marcela Marabeli de Moraes (profa. orient.); Caio Cezar Propst Trindade et al. (ilust.). Ponta Grossa: SEPAM, 2018. (Projeto Literário Coletâneas Sepam, 2018)
84 p. : il.; e-book PDF

1. Literatura brasileira. I. Moraes, Marcela Marabeli de (profa. orient.). II. Trindade, Caio Cezar Propst et al. (ilust.). III.T.

CDD: B869.3

Ficha elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos – CRB 9/986

Apresentação

Quem já se observou ouvindo atentamente uma história de família? Não só uma, mas várias vezes a mesma história e, todas elas, apaixonantes como se estivéssemos ouvindo-as pela primeira vez. Com a mesma emoção passamos-as para frente, orgulhosamente intitulando-as como histórias de família.

Aqui nesta proposta, a missão dos nossos escritores, alunos dos 8º anos, era tecer narrativas que reproduzissem famosas histórias, as quais eles ouviam em casa, nas reuniões familiares. A escrita exigia pesquisa, investigação e muito amor por aquela narrativa que era mais do que uma história, mas, sim, o retrato da sua identidade.

O resgate foi feito com a ajuda dos familiares. Os alunos coletaram dados, planejaram, rascunharam trechos e produziram a versão definitiva. Como resultado, temos esta obra que não representa só um conjunto de textos, mas um mosaico de vidas que formaram outras, a fim de retratar a união, o perdão, a tolerância e, muitas vezes, a superação.

O sentimento que sobrevoava as aulas de produção desses textos era o de orgulho: da professora para com os alunos e destes escritores diante das histórias narradas.

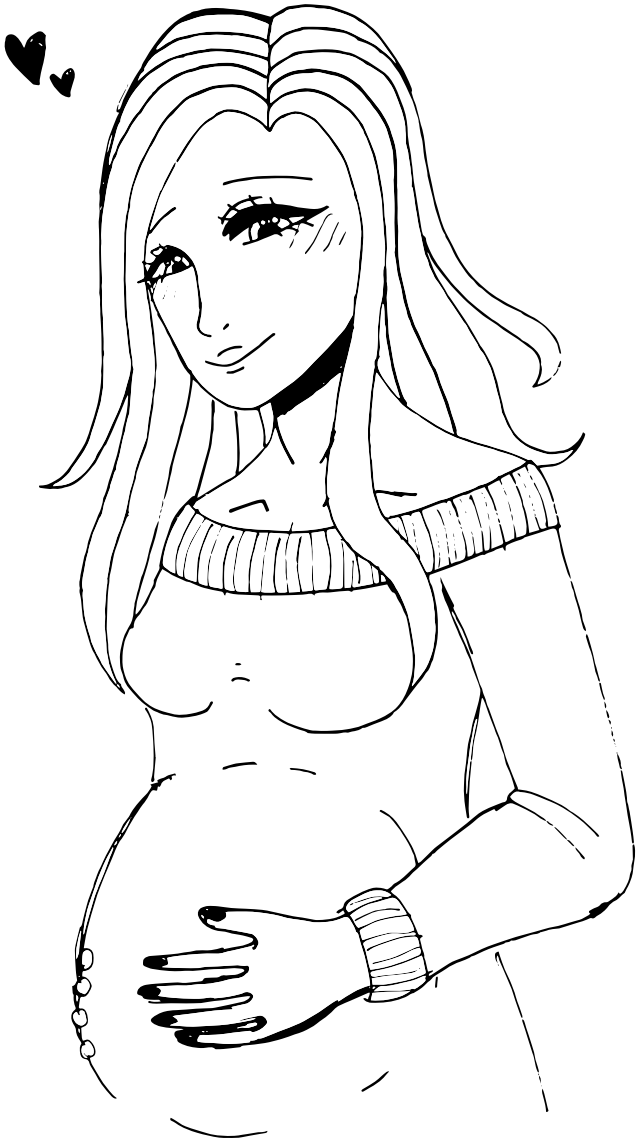
Leitor, muitas dessas narrativas não será a primeira e nem a última vez que serão ouvidas e lidas por você, no entanto, será um momento único para lê-las a partir do olhar dos jovens, os quais propagarão esses romances, atingindo as próximas gerações.

Com o coração cheio de amor, agradeço aos familiares pelo apoio e, principalmente, agradeço aos nossos alunos por nos permitirem fazer parte das suas histórias.

Embarque nessa viagem literária e não tenha medo de identificar-se e, até mesmo, emocionar-se.

Boa leitura!

Marcela Marabeli de Moraes
Professora de Produção de Texto



A escolha do milagre

Meus pais tinham uma vida corrida, tinham apenas um filho com sete anos e resolveram ter mais um. Depois de um tempo minha mãe engravidou de mim, foi um pouco agitado devido ao trabalho e a faculdade.

Aos seis meses de gestação eu já queria nascer, minha mãe foi hospitalizada, depois de alguns dias retornou para nossa casa, onde ficou em repouso até o dia de eu nascer. Nas 38 semanas foi preciso fazer o meu parto. Quando ela chegou no centro cirúrgico do hospital, o médico não conseguia aplicar a anestesia, depois ocorreram algumas complicações. Após o parto, foram realizados os cuidados imediatos e fui levado ao berçário, onde me observaram durante toda a madrugada.

Meu pai, ao entrar no berçário, me olhou e disse: "Vai ser Alexandre". Até então havia três nomes: Eduardo (se me parecesse com meu pai), Guilherme (se fosse parecido com os dois) e Alexandre (se fosse parecido com minha mãe). No final das contas, eu escolhi meu nome.

Alexandre Heichuk de Oliveira

Família Torres

Em 1899, em Belém de São Francisco, o senhor Manoel Gonçalves Torres, meu tataravô, recebeu um convite para ser subdelegado de Belém de Cabrobó, recebendo um uniforme com abotoaduras de couro, chapéu, espada e o título de Alferes. Era um homem muito rico, com terra nas margens do Rio São Francisco e na zona rural.

Teve nove filhos e com sua morte recebeu em homenagem uma rua com o seu nome: Rua Alferes Manoel Gonçalves Torres. E, na divisa dos bens, cada filho recebeu noventa cabeças de bois, terras, bodes e ovelhas.

Como Alferes era um título dado as pessoas importantes, apenas o sobrenome Torres permaneceu na família, porque meu bisavô se casou com minha bisavó, eles tiveram dez filhos; meu avô se casou com minha avó, eles tiveram seis filhos e o meu pai se casou com minha mãe, eles tiveram dois filhos, eu e minha irmã.

Alexandre Manoel Torres Neto

Nascimento da Ana Carolina

Depois que tive meu segundo filho, fiz uma laqueadura, mas o meu sonho sempre foi ter uma menina.

Três anos depois, engravidei e no início era para ser gêmeas! O médico disse que um dos bebês não se desenvolveu, por falta de nutrientes. Por conta da cirurgia seria um milagre se o outro bebê nascesse normal, porque tinha 50% de chance de ter problema.

Então eu fiquei assustada e com medo, mas, quando o médico disse que era menina, me senti animada. No final da gravidez soube que Ana Carolina tinha nascido 100% saudável.

E isso marcou a minha família. Mesmo depois da cirurgia, minha filha nasceu bem e, com certeza, ela já deve ter escutado essa história umas milhões de vezes.

Ana Carolina Silva

Quebrando o gelo

Toda vez que meu tio vem nos visitar meu pai conta da vez que ele veio para Ponta Grossa, a fim de conhecer a família da namorada, minha madrinha. Na época tínhamos uma chácara, ao lado da BR-376, quase em frente ao "Bife em pé". Meu pai e os outros irmãos tiveram a ideia de jogar meu "ditian", avô em japonês, na piscina.

Meu tio, como um bom genro, decidiu entrar na brincadeira. Meu pai e Renato, o irmão mais novo, ficaram "agitando" e meu tio tentou empurrar meu avô, ele empurrou de novo, um tentando empurrar o outro na água. Naquele "empurra-empurra" meu avô queixou-se de dor, mas ignoraram.

No outro dia, meu avô foi à massagista e falou da dor. Ela disse que ele deveria ir ao médico. Quando foi para o hospital, descobriu que tinha rompido o tendão de Aquiles e precisou fazer cirurgia. Meu tio ficou desesperado e até hoje se sente culpado. Essa história marcou a família porque é engraçada e meu pai usa para "zoar" meu tio sempre.

Ana Carolina Troyner Yamamoto

Fugindo do internato

Na época que meu pai tinha 15 anos ele estudava em um internato. Certo dia, ele e seu amigo queriam comer churrasco, pois o colégio só servia comida vegetariana, então os dois decidiram fugir para Maringá, que ficava a 30 km de lá.

Os dois separaram uma quantidade de dinheiro e saíram escondidos do colégio para pegar um ônibus até Maringá. Chegando lá, comeram na churrascaria e foram comprar uma jaqueta que o amigo do meu pai queria muito, mas eles acabaram gastando tudo o que tinham levado com a jaqueta.

Sem dinheiro para voltar de ônibus, eles foram pedir carona na estrada, mas logo perceberam que estavam sendo seguidos por dois homens, os quais, um pouco mais tarde, os assaltaram, deixando os dois só de cueca.

Depois do assalto, eles foram procurar uma casa para conseguir algo para vestir, quando finalmente conseguiram algumas roupas, voltaram para a estrada. Lá um professor achou-os e deu carona de volta para o internato. Esse dia ficou muito marcado para meu pai, pois foi a primeira e única vez que ele foi assaltado.

Ana Carolina Vieira Pinto

Nas alturas!

No ano passado, antes de começarem as aulas, havia um evento em 2017, o qual aconteceria em novembro: o casamento do meu primo. Mas havia um problema: o casamento era em São Paulo e eu sabia que teria que enfrentar uma coisa nova: viajar de avião!

Ficamos vários meses decidindo se iríamos de carro ou de avião, e decidimos ir de avião. Um dia antes da viagem, arrumamos as malas, pensamos e fomos dormir para o amanhã espetacular.

Saímos da nossa cidade e fomos para Curitiba, chegamos atrasados para o voo, mas deu tudo certo. Quando o avião estava saindo, fiquei muito nervosa, fechei os olhos e decolamos.

Depois que o voo saiu, foi tudo tranquilo, era uma sensação maravilhosa... Chegamos em São Paulo, ficamos quatro dias lá, tudo foi perfeito, o casamento parecia um conto de fadas, mas tudo tem que acabar, então fomos embora.

Eu adoro essa história, porque foi tudo perfeito, estava com pessoas que eu amava e que me amavam, mais perfeito, impossível.

Ana Clara Parise Cruz

O dia em que eu nasci

Minha mãe estava com 27 semanas de gestação, quase no sétimo mês, e não passou bem: foi consultar e sua pressão estava muito alta. A médica internou-a imediatamente para que ficasse em observação e a pressão baixasse.

Ficou o dia todo no hospital, porém à noite ela piorou e sua pressão chegou a 24, fazendo uma cesariana de emergência. Ela me conta que na hora não conseguia ver nada por conta da pressão. Foram avisar meus parentes que a chance de morte era grande e que iriam tentar salvar nós duas.

Nasci com 856 gramas e fui internada na UTI neonatal do Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba, com 21 dias de vida fiz uma cirurgia para fechamento do canal arterial. Fiquei no hospital de Curitiba por 86 dias até receber alta e poder vir para casa.

Na mesma noite que nasci, minha mãe também foi para a UTI aqui em Ponta Grossa, onde ficou por 1 semana. Logo que ela teve alta, pode vir para Curitiba. Meus pais e avós moraram em um hotel até o dia que eu fui para casa em Ponta Grossa, onde moramos com os meus avós por 2 anos.

Ana Lara Santos Schila

Meu bisavô chamado José

Quando a mãe do meu bisavô estava grávida, ela ficou viúva. José nasceu e a minha bisavó casou-se de novo e teve outros filhos. O meu bisavô José não se acertou com a nova família. Ele tinha uma tia que morava em Ponta Grossa, ela se chamava Acássia e convidou-o para morar lá.

Depois de muitos anos, José estudou e aprendeu a profissão de enfermeiro. Ele arrumou um emprego no hospital 26 de outubro, onde trabalhou por muito tempo. Na casa da tia Acássia, meu bisavô conheceu a bisavó Teresa. Eles se casaram e foram morar no bairro de Oficinas, porque ele foi transferido para um porto médico como enfermeiro ferroviário. Ali trabalhou a vida toda, até se aposentar.

O meu bisavô José era um homem muito bom, porque depois de aposentado ele continuou atendendo as pessoas carentes, fazendo curativos e aplicando injeções. Teve oito filhos e muitos netos e bisnetos. Até hoje, ele é lembrado no bairro por muitas pessoas.

André Luiz Dechandt Pukasiewicz

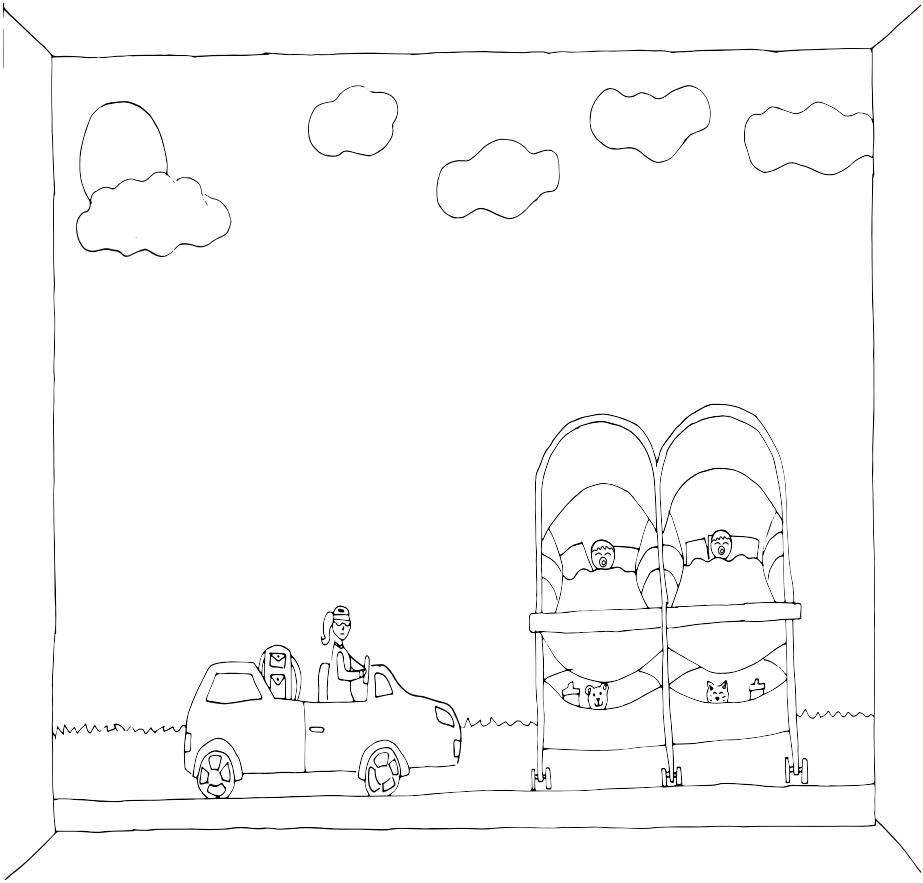
A viagem

Quando eu e meu irmão nascemos nossos avós da Argentina e do Rio Grande do Sul vieram para São Paulo. Naquela época, meu pai viajava muito para palestras internacionais sobre tecnologia e física, hoje em dia ele não viaja com tanta frequência. Quando meus avós chegaram, um deles veio doente, e meu pai acabou ficando mal também.

Passaram alguns dias e ele ficou sabendo que teria duas palestras seguidas que ele queria muito ir. Uma em Ohio, nos Estados Unidos, e outra na Itália, então, em seguida voltaria para o Brasil. Logo na viagem para os Estados Unidos, meu pai acabou ficando com febre. Chegando lá estava - 4ºC. Então ele foi para o hotel, mas acabou pegando a van errada e, sem perceber, acabou parando em uma cidade a 3 horas de lá. Ele pediu desculpas pelo transtorno e voltou para a cidade da palestra, e após algumas semanas, foi para Itália.

Para nós essa história nos marcou, porque meu pai se dedica muito ao que ele faz em seu trabalho, pois ele gosta muito de viajar para essas palestras, conhecer outros físicos etc. E isso é muito bom para nossa família e ficamos muito orgulhosos.

Andres Turchiello Gomez



Uma viagem e tanto!

Em um dia de janeiro de 2015, meu pai, minha mãe, meu irmão e eu (Flamarion, Tatiana e Matheus) estávamos embarcando em um avião com destino a Orlando.

Meu pai, muito animado, se acomodou na janela, que é seu lugar favorito, mas minha mãe havia comprado os assentos errados, então tivemos que viajar na fileira do meio, que tem quatro poltronas. Meu pai, que já estava meio emburrado, encostou-se em mim para dormir, mas um bebê não parou de chorar, outro motivo para ser a mais chata das viagens. Umas horas depois, eu e Mat dormimos colocando as pernas, braços e cabeça sobre ele, que já estava perdendo a paciência.

Finalmente, chegamos e corremos deixar nossas malas no hotel para irmos nos divertir. Estava indo tudo tão bem, até que em alguns dias, nós estávamos indo a um parque, que tinha um brinquedo fantástico: ele nos molhava e chacoalhava, tudo dentro de uma boia gigante. Flamiron, que como sempre é "bichado", ficou doente e culpou o brinquedo. "O brinquedo tem água muito gelada". Nem comentamos, apenas aceitamos e fomos nos divertir.

Decidi contar essa história, porque foi algo que fizemos juntos, além de ser a primeira viagem internacional nossa, rio muito com tudo isso.

Beatriz Menezes Garcia de Barros Cordeiro

Está válido?

No dia 24 de janeiro de 2017, em um fim de tarde comum, meu pai chegou em casa preocupado porque iriamos fazer uma viagem no dia seguinte, porém, ele ainda não havia checado os passaportes. Logo quando vimos, levamos um susto! De acordo com as normas do nosso "destino", os passaportes teriam que ser válidos até três meses após a volta da viagem, o que não tinham!

Ainda me recordo bem da sensação que minha família apresentava durante a viagem, afinal, os passaportes ainda eram válidos, só um pequeno detalhe (que não entendo porque existe) estava faltando.

Também me lembro da correria e do consolo que meu pais diziam:

– Se não der certo, pelo menos, futuramente vamos lembrar dando risadas!

E é exatamente isso que fazemos agora. Mesmo que tenha dado certo e que essa tenha sido uma viagem incrível, para mim, é sempre uma das histórias mais legais que contamos entre amigos, jantares em família e festas, por isso, é uma história que eu guardo com muito carinho em meu coração, e sempre que ela passa por minha cabeça eu abro um sorriso.

Beatriz Sousa Maestri

A viagem

Minha bisavó morava na Ilha de Java, na Indonésia. Durante a guerra, eles eram uma colônia Holandesa e queriam fugir.

Toda a família pegou o que tinha e entrou em um navio para o Brasil. Ela atravessou o oceano, até que chegou ao seu destino: o Brasil; parou em um porto no Paraná e se estabeleceu em Carambeí.

Ela não tinha nada lá e não sabia falar português, então todos guardaram dinheiro e compraram uma fazenda e viveram de plantação.

Minha família tem esta fazenda até hoje.

Bernardo Fernandes Schiffer

A morte da raposa

Na casa da minha avó tem um quintal dos fundos muito grande e, do outro lado da cerca, tem uma espécie de minifloresta.

Lá nesse quintal também tem uma casinha que ela usava como porão. Um dia apareceu uma raposa dentro da casinha, que veio da floresta, então minha avó dava comida para ela. Em geral, todos gostávamos da raposa; até que um dia, quando minha avó foi alimentá-la, a raposa não se mexia, o animal havia morrido. Nós gostávamos tanto da raposa que fizemos até um funeral formal para a raposa. Essa história me marcou, porque minha mãe sempre me conta.

Bianca Batista

A mudança da vida

Essa história marcou minha família, porque em 24 de outubro de 1958 aconteceu uma erupção em uma ilha chamada Capelinhos em Açores.

Quando a lava estava descendo, a população teve que sair de suas casas, pegar o que tinha e entrar nos barcos para fugir.

Quando minha avó chegou ao Rio de Janeiro, ela conseguiu um trabalho e uma casa; depois de uns anos, ela soube que dava para morar na ilha Capelinhos e que sua família estava viva. Porém, minha avó não queria ir, porque ela já tinha tudo no Rio de Janeiro.

Ao longo do ano ela conheceu um homem e se apaixonou, então casaram-se e tiveram três filhos. E assim ela ficou no Rio de Janeiro.

Bruna Pereira de La Cerda

O dia do ano novo

Era 01/01/2018 em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Enrique, Marcy e Ronald Orellana passaram o ano novo em um lugar comendo e bebendo.

Tio Ronald chegou em casa e dormiu igual uma pedra. No dia seguinte, ele acordou, foi até a porta e ela não abria, não se sabe o que aconteceu com a fechadura. Depois de um tempo, tio Ronald, que é claustrofóbico, começou a entrar em pânico, até que ele correu para a sacada e começou a gritar por ajuda.

Chegaram a Dona Esther e o tio Jorge. Ronald não aguentava mais ficar ali e pediu uma escada. Pegaram a escada e ele desceu. O tio Jorge é meio pão-duro e queria que Ronald pagasse o almoço como recompensa. Só que a carteira havia ficado no quarto.

Tio Ronald se recusou a voltar lá para pegar a carteira; como o tio Jorge não queria pagar o almoço, decidiu ir lá buscar. Ele subiu e pegou. Só que, quando ele estava descendo, deu mal jeito e ficou imóvel no meio da escada. Ronald ofereceu ajuda e auxiliou o tio Jorge a descer a escada, desceram os dois tios velhinhos. Depois de tudo isso, o avô Enrique chegou com um chaveiro profissional e nada disso precisava ter acontecido.

Bruno Gaspar Orellana

Insetos tão pequenos podem fazer isso?

Em julho de 2017, meu tio policial estava no trabalho e havia uma perseguição. Eram dois homens em uma moto, correndo em alta velocidade numa estrada.

No meio da perseguição, esses dois homens caíram em um barranco, largaram a moto e saíram correndo a pé. Os policiais que estavam junto ao meu tio saíram do carro e desceram o barranco, sacaram a arma para parar os fugitivos e deram um tiro com o objetivo de acertá-los, porém isso alertou uma colmeia de abelhas.

As abelhas, em vez de irem até os ladrões, foram nos policiais, o que levou eles para o hospital. Meu tio, com mais ou menos 50 picadas, melhorou até rápido, mas um dos policiais, com mais de 100 picadas, demorou mais ainda.

Caio Cezar Propst Trindade

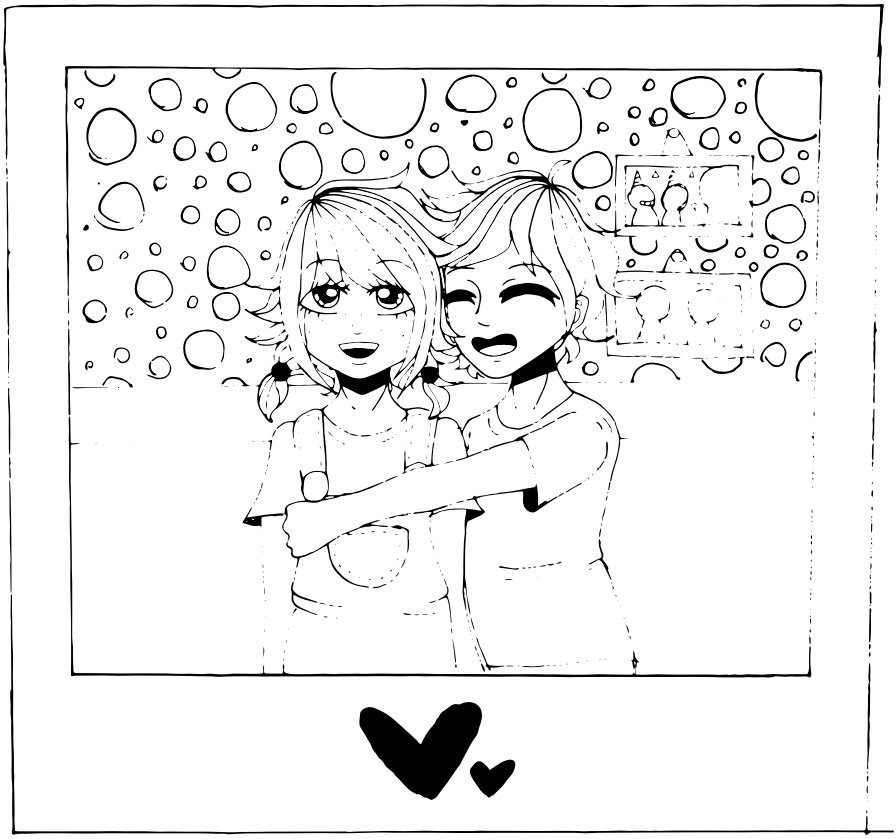
Caipora, é você?

Era um dia qualquer na vida de Neli, uma menina de oito anos que morava em um sítio com sua família. A noite estava chuvosa e a criança dormia profundamente com suas irmãs numa cama ao lado com a caçula.

No meio da noite, Neli escutou um grito ao longe e pensou ser a Caipora, pois mais cedo sua mãe havia lhes contado esta lenda. A pequena ficou com tanto medo que paralisou, não conseguia falar e muito menos se mexer. Ela passou algum tempo desse jeito, pensando nas crueldades que o bicho estaria fazendo.

Assim que se acalmou, pulou da cama direto para a da sua mãe e lhe contou sobre o tal grito. Sua mãe, tranquilizando-a, contou que não era a Caipora, era um passarinho que fazia esse barulho durante a noite. O coração de Neli finalmente se acalmou. Este dia ficaria na mente dela o resto de sua vida, o qual contaria para seus filhos e netos como o dia que achou ter ouvido a Caipora.

Carolina Podgurski Gomes



Perdido na Disney

Esta história ocorreu quando eu tinha uns quatro a cinco anos, perto de 2010. Eu estava na Disney em um hotel. Como estava calor, fui à piscina. Eu tinha nadado bastante por algum tempo e fiquei lá, boiando e observando.

Depois de algum tempo, ouvi minha mãe me chamar, então fui correndo para onde ela estava. Quando cheguei, ela disse para eu ir brincar em um escorregador e apontou para uma escada.

Depois que eu subi a escada, vi uma fila grande, então pensei que ali era o escorregador. Eu nem percebi que o "verdadeiro" escorregador era do outro lado e não naquela fila gigante. Passados uns minutos, saí daquela enorme fila e, quando voltava, vi minha mãe chorando. Fui correndo até ela e abracei-a. Ela tinha achado (com razão) que eu tinha me perdido.

Diogo Maurício Zantedeschi Antunes

A vida por um fio

Há um certo tempo, exatamente em abril de 2012, estávamos em paz: eu na aula, minha mãe, meu pai, todo mundo da minha família trabalhando, quando, de repente, minha mãe vem chorando e avisa-me que meu padrinho Rodrigo havia sofrido um acidente feio na Bahia, pois ele é caminhoneiro.

Um baque, um susto, um desespero. Honestamente, até hoje não sei descrever o que sentia; eu tinha 7/8 anos, eu não sabia o que fazer. Eu pensava: "Como vamos ajudar? Estamos em Ponta Grossa e ele na Bahia".

Então, meus avós e minha tia foram até lá de avião, não se podia ver o Rodrigo, ele estava irreconhecível. O médico havia dito que ele tinha 1% de chance de sobreviver, porém, descobrimos que era mentira, ele estava a um fio de perder a vida.

Nós em Ponta Grossa, apenas rezando e esperando pelo melhor. Nesse meio tempo, houve o batizado do meu irmão. Até hoje, nem nós, nem nenhum médico sabe explicar como ele está vivo e sem sequer UMA sequela. Todos nós sabemos que foi algo divino, sobrenatural. Toda a carga tombou em cima dele. Foi algo que me marcou muito, todos nós agora acreditamos naquela frase que diz "Até montanhas a fé moveu".

Eduardo José Faria Theis

Uma surpresa tenebrosa

Essa história marcou muito minha irmã e eu. É muito parecida com a vez que minha mãe tinha dito para mim que meu cachorro tinha fugido, porém foi atropelado.

Em janeiro de 2016, a gata da minha irmã tinha sido morta pelos cachorros da vizinhança. Eu, minha mãe e meu padrasto estávamos no carro esperando Mylena se arrumar para nos sairmos jantar naquele mesmo dia (ela estava muito mal, então fui consolá-la).

Mas tinha um pequeno detalhe: minha irmã não sabia e não sabe até hoje que sua gatinha foi "brutalmente assassinada" pelos cachorros, todos nós vimos, menos ela.

Eu realmente queria contar para ela, mas meus pais falaram que ela não estava pronta para saber, nem hoje, nem nunca.

Eloísa Inglez Almeida

A força da água

Há oito anos, em 2010, nós morávamos em outra cidade; meu pai trabalhava e ainda trabalha como policial federal. Ele vai em missões todos os anos, mas quase sempre está em casa, como antigamente. Ele e minha mãe contam essa história para todos que vem em nossa casa e, recentemente, contaram para mim também. Um dia, meu pai foi para uma missão no Rio Paraná, e assim, a história começa.

Eu tinha quatro anos de idade naquela época e não estava muito acostumado a ficar em casa apenas com minha mãe. Ele conta que estava no Rio Paraná com seus colegas de trabalho para checar se não havia nada de errado, enquanto minha mãe diz que eu estava chorando em casa, pois eu sentia falta de meu pai.

Meu pai disse que eles estavam relutantes, pois o barco se encontrava na borda da baía, porém tentaram empurrá-lo assim mesmo. Todos eles levaram consigo seus coletes balísticos e suas carteiras de trabalho. Quando eles começaram a empurrar o barco, ele se inclinou muito e caíram na água, molhando tudo em seus bolsos. Meu pai quase se afogou, mas seus companheiros estavam lá para salvá-lo, e após esse dia, ele aprendeu a não subestimar a força da água.

Enzo Lizardo Mathias

O leite

Na manhã do dia 29 de abril, no ano de 2005, em um centro cirúrgico, eu nasci. Assim que sai da barriga da minha mãe, o médico disse que eu estava saudável, mas quando fui mamar, não consegui alimentar-me.

Como era de se esperar, minha mãe ficou desesperada e não sabia o que fazer, os médicos orientaram-na a ficar calma, porque passaria o nervosismo para o bebê.

Fiz o famoso teste do pezinho para ficar medindo a minha glicemia, eu subia e descia o hospital de hora em hora. Depois de um longo período notaram que eu era normal, o problema era minha mãe, pois ela não tinha bico nos seios.

Para ter certeza, levaram-me a minha tia, que tinha acabado de ter meu primo. Enfim, era tudo verdade, pois mamei em minha tia normalmente; como não podia ser amamentado por ela todos os dias, comecei a tomar NAN, é um pozinho com os nutrientes do leite materno.

Essa história me marcou, pois aconteceu comigo e é realmente importante uma criança recém-nascida se alimentar com o leite materno. Toda vez que minha mãe vê um bebê, ela conta esta história.

Enzo Milanese Charavara

Como minha família chegou ao Brasil

Há muito tempo, quando meu bisavô tinha apenas 10 anos de idade, ele e a sua família viviam na Alemanha; tinham uma ótima vida lá, com tudo que precisavam. Eu não sei como que aconteceu, mas eles eram conhecidos ou parentes do Kaiser Guilherme, ele era como o imperador da Alemanha.

Isso não era muito bom naquela época, porque quando o Kaiser foi deposto, meu bisavô, junto de sua família, tiveram que sair às pressas da Alemanha por causa de suas afiliações com o Kaiser.

Todos da família juntaram tudo o que tinham e venderam para fugir de lá e vir até o Brasil. Aqui todos recomeçaram. Como meu bisavô tinha 10 anos, ele tinha que ir para a escola sem saber português.

Passou-se muito tempo desde de que aquilo aconteceu, meu bisavô se casou e continuou nossa família aqui até os dias de hoje. Meu bisavô morreu há muito tempo, mas minha avó sempre o revive contando essa história para mim, e é assim que essa história marcou minha família.

Felipe Hoeldtke Pietruchinski

A passagem para o céu

Era um dia normal, quando meu pai resolveu ir para São Paulo (era uma terça-feira, mais ou menos 21h30). No dia seguinte, ele comprou uma passagem para às 20h, chegando lá, ele começou a passear e comprar muitas coisas.

Estava tudo indo bem, até o momento em que ele travou, ele não conseguia andar e nem se mover, várias pessoas o ajudaram, ele foi obrigado a voltar para Ponta Grossa.

Chegando aqui, minha tia foi dar carona para ele, só que ele não conseguia sair do ônibus, ela teve que carregá-lo até o carro; chegando lá, meu pai falou "eu não quero ir ao hospital, por favor me leve para a mãe" e minha tia atendeu seu pedido.

Lá na frente da casa da minha avó, minha tia o colocou no colo, e ele disse chorando: "eu te amo". E ela, com lágrimas nos olhos respondeu-lhe: "eu precisei te carregar no colo, para você falar que me ama". Chegando dentro da casa, ele pediu para minha avó fazer uma torta de banana, a favorita dele. Ela fez; era por volta de três horas da manhã, quando eles comeram e foram dormir.

Era seis horas minha avó foi vê-lo e ele estava roncando, depois de uma hora ela foi vê-lo de novo, e começou a chamá-lo e ele não respondeu, e eu falei: "ele está em um lugar melhor, e já está com a passagem para o céu".

Felipe Meleta

O difícil acontecimento

Minha família percebeu que minha avó estava estranha, ela começou a se modificar, ficar diferente, pois quando estava apenas conversando ou comendo, repentinamente parava, como se desligasse. Minha mãe sugeriu que fosse ao neurologista para fazer alguns exames, para ver se tudo estava ocorrendo bem. Ela aceitou. Dia 26/04/2017, quando saíram os resultados, descobrimos que estava com um tumor cerebral e isso ocasionava dores de cabeça, que reclamava e sempre estava tendo.

Conversando com o doutor, ele falou que precisava fazer uma cirurgia para a retirada do tumor. A cirurgia ocorreu muito bem, o pós-cirúrgico também, mas, por volta de três meses após, as dores começaram a voltar. Fazendo outros exames, perceberam que estava ocorrendo uma entrada de água no cérebro, tudo outra vez. A cirurgia foi ótima, a recuperação maravilhosa, depois de dois meses, teve alta.

Com dificuldade, as rotinas começaram a voltar, ela andou novamente, tudo voltou. Mas ela ainda toma remédios.

Essa história marcou minha família, porque minha avó é muito especial para nós.

Fernanda Ribeiro Simão

Meu medo

Em uma viagem, há mais ou menos quatro anos, eu e minha família fomos visitar os meus parentes em Belém do Pará. Quando chegamos de viagem, eu e minha família fomos na casa da minha avó e cada um foi descansar em um quarto, porque nosso voo seria às sete horas da manhã.

No dia seguinte, quinta-feira, nós fomos à praia e levamos, mais ou menos, duas horas para chegar por causa do engarrafamento e, quando chegamos, ao meio dia, almoçamos na praia.

Após montarmos a barraca, passamos protetor solar e, enquanto secava, eu e meu irmão brincávamos na areia. Depois que secou, nós fomos ao mar - eu, meu irmão e minha mãe - e, quando eu pisei no mar, pisei em um tralhoto (peixe), que cravou no meu pé. Quando isso aconteceu, minha mãe me pegou no colo, me levou correndo até o carro e meu pai arrancou o peixe do meu pé; fui ao hospital tirar o veneno inofensivo, que arde muito.

E, depois disso, tenho medo de entrar na praia.

Eu escolhi essa história, porque ela é tipo um mini medo meu.

Gabriel Moreira Martins

O pior voo

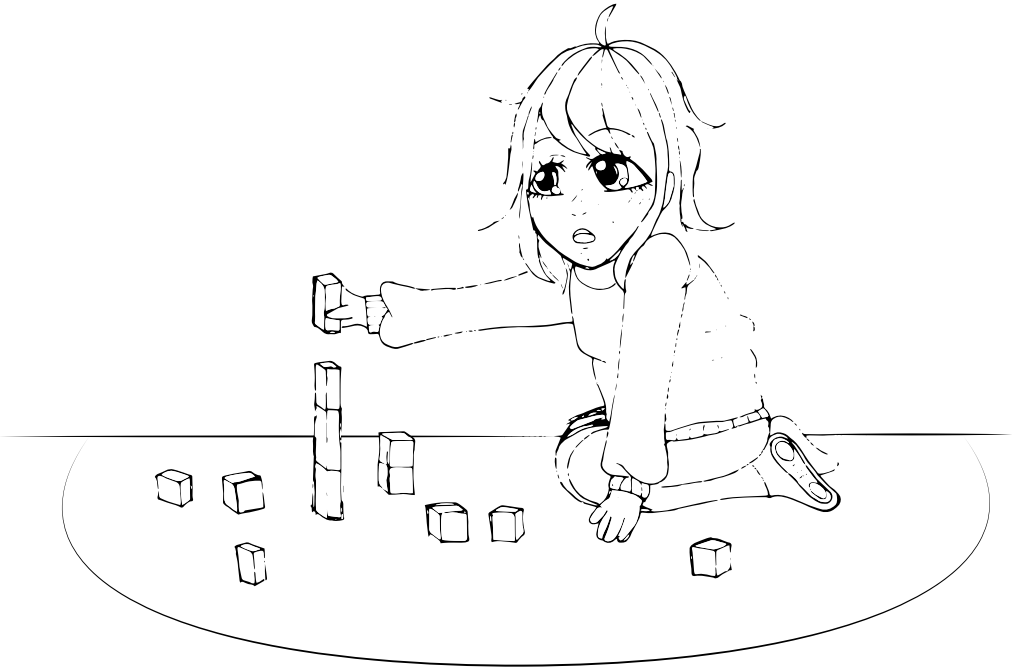
Em agosto de 2017, eu e minha família viajamos para a Flórida, nos Estados Unidos; a viagem foi incrível, aproveitamos muito, fomos em parques da Disney e muito mais. Depois de ficar uma semana lá, chegou a hora de voltar...

Fomos para o aeroporto e, depois de um tempo, embarcamos no avião. E aí começou um dos piores voos que já peguei, e também um dos mais engraçados.

Tudo começou quando nos sentamos nas poltronas do avião e começamos a tentar deitá-las; foi aí que percebemos que não deitavam, pois nas poltronas de trás era onde ficava uma das saídas de emergência, por isso não deitavam, portanto, teríamos que ir o voo todo sentados retos, sem deitar. Eu comecei a ver um filme e minha mãe resolveu me dar um remédio para enjoo. Esse remédio me deu muito sono e eu não conseguia dormir, pois o banco não deitava.

Um tempo depois, minha irmã deitou em cima de mim e da minha mãe; ela dormiu e começava a nos chutar enquanto dormia, fez xixi na calça e a poltrona dela ficou toda molhada. Eu e minha mãe estávamos com muito sono e ainda tivemos que atender minha irmã que estava toda molhada... Sempre que lembramos dessa história rimos muito...

Gabriela Emilia Natunen



Mundo pequeno

Meus avós se separaram quando meu pai tinha quinze anos e meu avô nunca mais deu notícias. Meu pai, aos dezoito anos, entrou na faculdade, e conversando com seus amigos, um deles veio do interior do Pará, eles perguntaram o que ele estava fazendo em Maringá, Sandro respondeu que sua mãe veio morar em Cascavel com seu marido, o padrasto dele.

Meu pai perguntou a ele o nome de seu padrasto e Sandro respondeu: "Ah, é Hélio Meneghello", meu pai parou! "Como assim? Hélio Meneghello é o nome do meu pai, meus pais se separaram faz anos e nunca mais o vi", disse meu pai nervoso. Ele até mostrou o RG para confirmar.

Sandro ligou para o meu avô e meu pai e ele conversaram depois de muitos anos sem se falar; meu avô não quis me conhecer, acho eu que por medo do meu pai não aceitar, mas infelizmente ele não está mais aqui.

Este fato é importante, porque faz parte da história do meu pai junto com meu avô e um acontecimento muito feliz de reencontro, porém traz muitos sentimentos de saudade dele!

Giovana Zanella Meneguello

Comecei a enxergar

Quando eu era menor, uns dois ou três anos, por algum motivo, eu adorava ver luzes, desde árvores de natal até as luzes da TV. Eu não sei se foi culpa disso, mas minha irmã sempre reclamava que eu olhava torto para ela.

Quando meus pais começaram a olhar minhas fotos, perceberam que meu olho direito sempre estava "torto", eles logo resolveram me levar no oftalmologista.

Ele fez alguns testes e eu tinha sete graus no olho; comecei a usar óculos, porém, quando cheguei em casa pela primeira vez, ficava impressionado, como se eu estivesse em um mundo novo.

Giovane Denck Pereira

Bêbada na praia

Em janeiro de 2017, eu e minha família inteira fomos passar uma semana na praia. No quarto dia, minha tia fez uma jarra inteira de uma bebida alcoólica, bem doce. Segundo ela, minha outra tia bebeu quase a jarra inteira, pois não sabia que era álcool.

Quando eu e meus primos estávamos no mar, em um lugar onde as ondas eram um pouco maiores, minha tia veio até nós. Quando ela chegou perto, senti um forte cheiro de bebida, logo avisei-a para se abaixar quando uma onda muito grande estivesse chegando. Ela olhou para mim e disse: "eu não vim para pular onda, eu vim para fazer xixi". Eu perguntei para ela se estava bem, ela respondeu: "bem até demais", nisso eu já entendi tudo.

Uma onda bem grande levou-nos até a beira da praia, minha tia saiu gritando: "Gilberto, eu sou uma sereia", e ela caiu e continuou rindo, gritando e se debatendo.

Essa foi uma história muito engraçada para mim e para a família. Quase todos os encontros de família lembramos e rimos disso.

Giovanna Mezzadri Bocchese

O dia em que quase morri

Em um certo dia, na cidade de Dourados (MS), eu e minha família estávamos em frente a nossa casa; meu pai estava sentado tomando cerveja, minha mãe lavando a garagem e eu, com os meus 2 anos de idade estava brincando.

Depois de 2 horas, meu pai, que estava cuidando de mim, acabou se descuidando, passaram-se alguns minutos. E eu (que sou alérgico a insetos) pisei em um formigueiro e comecei a chorar de dor.

Meu pai logo me levou para o hospital. Com o corpo todo inchado. Quando chegamos lá no hospital, minha mãe já havia achado que eu estava morto. Eu fiquei umas 3 horas em observação. Até que o médico disse que foi muita sorte eu ter sobrevivido. Essa história marcou minha família justamente pelo fato de eu quase morrer.

Giuliano Ramon Loyola

A empresa inesperada

Marcelo Gomes Saraiva, um jovem de 28 anos em busca de um emprego. Nascido em Pelotas (RS), o jovem foi morar em São Paulo, longe de sua esposa Márcia Saraiva. Certo dia, Marcelo estava voltando para sua cidade natal, quando recebeu uma ligação de seu amigo dizendo que havia conseguido emprego para ele em Ponta Grossa, Paraná. Marcelo aceitou a oferta.

Marcelo ficou dois anos sozinho, sem sua esposa, porém, se ela fosse para Ponta Grossa junto com ele, haveria um grande prejuízo financeiro, pois ela não poderia dar aulas em faculdades como fazia no início do relacionamento. Por outro lado, eles tinham o compromisso de viver juntos.

Com o passar do tempo, a vontade de ter um filho foi aumentando, porém ele precisava de mais dinheiro. Então, Marcelo e seus amigos se juntaram para criar uma empresa e ter seu próprio negócio. Contudo, o patrão dele falece e seu filho resolve vender a empresa para Marcelo, que a comprou junto com seus sócios. A partir daí Marcelo e seus amigos montaram outras empresas.

Gustavo Pinto Saraiva

O motivo do divórcio dos meus pais

Em uma noite de sábado, enquanto eu estava dormindo, meu irmão mais velho, de dezessete anos, saiu de casa para ir ao Parque Ambiental, pelo menos era o que achávamos.

Um tempo depois, eu acordei e fui comer, mas bem na hora minha avó me liga dizendo para eu passar a noite em sua casa. Depois de três horas na casa da minha avó, meu pai chegou muito bravo, e disse que estava assim porque a polícia tinha levado meu irmão para casa.

Meu irmão mais velho não é filho do meu pai, então, quando ele faz algo de errado, meu pai fica muito bravo. Eu escolhi esta história porque foi o principal motivo do divórcio dos meus pais.

Henry de Moura Mazur

A origem da família Amatnecks

No dia 18 de novembro de 1918, a Letônia declarou Independência. Por este motivo, minha tataravó, que morava na Letônia, fugiu de seu país e veio para o Brasil. Ela trouxe consigo apenas um de seus três filhos.

No navio que a trazia para o Brasil, ela conheceu um homem russo que estava fugindo da Guerra. Eles desembarcaram em uma cidade paulista, chamada Nova Odessa. Alguns de meus parentes, que emigraram para o Brasil, vieram para o Paraná. E os meus tataravós se estabeleceram em Teixeira Soares, vivendo de comércio, agricultura, etc. Eles se casaram e tiveram seis filhos.

Desses seis filhos, cinco eram homens e uma era mulher. Ela é a única filha dos meus tataravós ainda viva. Esses seis filhos tiveram quinze filhos, dois desses são meu avô (João Alfredo Amatnecks Filho) e sua irmã. Meu avô se casou com uma mulher (Lucélia de Lurdes Amatnecks), eles tiveram três filhos, minha mãe e meus tios. No ano de 2005, nasceu seu primeiro neto, e no ano de 2015 nasceu seu neto mais novo. Meus avós tiveram três filhos e cinco netos. O nosso sobrenome, Amatnecks, tem origem da Letônia e foi alterado, pois o original é Amatneckian, que em letão significa operário.

Ian Amatnecks Mainginski

Noite em Joinville

Escolhi essa história porque foi o dia em que eu fui gerada. Começou quando minha mãe ficou viúva, então ela conheceu o meu pai, foi amor à primeira vista. Um dia, no ano de 2004, sua enteada e minha mãe, entediadas com a pós-graduação, decidiram matar aula e inventaram uma boa desculpa minha mãe falou que precisava ir ao enterro de sua tia e sua professora compadecida permitiu.

Minha mãe e meu futuro pai resolveram ir para Joinville. Viajaram, chegaram ao destino por volta das 17h de sábado. Jantaram e então foram dormir em um hotel muito famoso de Joinville; é aí que eu entro, pois foi nesta noite que eu fui gerada, após nove meses, em 14 de fevereiro de 2005 eu nasci e estou aqui contando este relato. Daí em diante é outra história.

Isabele Cristine Wosniak

Chuva de gelo

Em um dia comum, no fim de semana, eu e minha família estávamos indo à cachoeira da Mariquinha, em Ponta Grossa. Pegamos uma estrada de terra, bem ruim.

Ao chegar, paramos o carro, pegamos nossas caixas e fomos para a cachoeira. A trilha era no meio da mata com vários obstáculos, árvores caídas, pedras e etc.

No final da trilha, chegamos ao local, que era muito bonito, uma cachoeira enorme e tinha até um arco-íris, ficamos um tempão, brincamos, nadamos até ficar cansados.

Voltando para o carro, no meio do caminho pegamos uma chuva de granizo muito forte, com pedras de gelo nos acertando, fiquei muito assustado; meu chinelo caiu, um homem me pegou no colo e me levou ao lado de uma caminhonete para me proteger da chuva. Conseguimos entrar no carro e ficamos esperando, pois como a chuva estava forte, os carros não conseguiam sair, meu pai precisou ajudar os outros. Quando conseguimos sair, fomos para casa muito assustados. Essa história marcou minha família porque, sempre quando cai chuva forte, lembramos.

João Augusto Krüger Geronimo

A "penada" da fertilidade

Ter uma galinha de estimação é um pouco diferente, imagina seis. Cada irmã recebeu um presente, por um acaso eram galinhas. Um pouco espantadas pela peculiaridade do presente, porém interessadas no recado que passariam.

Receberam um aviso: "cada uma receberá uma galinha e toda responsabilidade da produção obtida será de vocês". Podendo usar da produção o bem que quisessem (alimentação, por exemplo).

As galinhas começaram a por ovos, animando as irmãs. Todas as aves estavam gerando benefícios, menos uma. Ela nunca botava ovo algum, mas as demais botavam pelo menos um. Contudo, uma das galinhas botava muito mais ovos que as demais.

A dona da galinha "fértil" sempre acordava antes, ninguém nunca desconfiaria o motivo, pois apenas iria até o galinheiro recolher "suas" produções do dia. Na hora do almoço sempre estava de barriga cheia, pois sua galinha dava mais ovos que todas. Um dia sua irmã pegou-a no "pique", movendo os ovos para seu ninho, deixando um sem nada. Insatisfeita, devolveu os ovos para seus lugares corretos, deixando ninguém desigual.

João Murilo Gomes da Silva

Uma longe Alemanha

Era inverno de 1938 e uma guerra era iminente. A família Schossig, na Alemanha, temia pela segurança de seus parentes.

Minha tataravó teve uma ideia louca, mas, ao mesmo tempo, genial: mandar meu bisavô, Rudolf, para bem longe daquele país. O plano era o seguinte: colocar meu bisavô dentro de um contêiner em um cargueiro e esperar que tomasse rumo a bem longe dali.

E, por mais louca que fosse a ideia, Rudolf aceitou, e junto com seus irmãos e alguns alemães, negros e judeus, embarcaram em um grande navio que traçou destino para o Brasil.

A viagem foi longa e complicada, mas finalmente chegaram ao nosso país, no canto do Paraná. Meu bisavô viajou até Rio Negro (PR) e começou uma nova geração da família Schossig aqui no Brasil.

Jonas Schossig Pereira

Viajamos para o Chile

Era minha primeira aventura internacional e eu estava tão empolgado. Dentro do avião olhei onde iria sentar e fiquei mais animado ainda, pois no assento havia um fone, um cobertor e diversos filmes recém-lançados no cinema, queria assistir todos. Me voltei para o passageiro a minha esquerda, quando vejo a janela não tinha cortina e, sim, um botão para escurecê-la e clareá-la. Quando chegamos, foi só alegria, ficamos em um hotel de frente para uma avenida movimentada. Um dos pontos mais divertidos que me lembro, foi uma montanha coberta por gelo. Lá foi onde tudo virou diversão.

Primeiro comecei escorregando, sentado, depois estava quase todo mundo escorregando junto. Outros pontos que me recordo são: "La Vaquita Echa", um restaurante no pé da montanha, e outro chamado "restaurante giratório", que o nome já diz, fica girando enquanto você aproveita a comida, ao mesmo tempo que uma plataforma dá uma volta de 360º graus, permitindo que você possa ver toda a cidade. Essa viagem foi muito importante para mim e meus pais, porque viajamos internacionalmente juntos.

Jonathan Martineli Gonçalo Carbonare

As terras de Não-Me-Toque-RS

Eu e minha família resolvemos que no dia oito de outubro iríamos a Não-Me-Toque-RS, eram dois carros apenas com mulheres, exceto meu irmão. Foi um longo dia de viagem, e nossa primeira parada foi Ametista do Sul-RS, uma cidade linda que por debaixo da terras tinha lindas pedras ametista, claro. Passeamos bastante por lá, até porque era muito lindo entrar nas minas com ametistas na parede e poder tocá-las, lá também tinham lojas onde comprei uma ametista de recordação.

Acordamos bem cedo no outro dia, passeamos mais um pouco, porque não deu tempo no dia anterior; em seguida, carregamos o carro e fomos a Não-Me-Toque-RS; quando estávamos chegando, o pneu furou e tivemos que tirar tudo do porta-malas para pegar o step, mas deu tudo certo!

A semana em Não-Me-Toque-RS passou bem rápido. Foi divertido porque passeamos por várias cidades na redondeza e no final disso tudo ainda teve a festa da nossa família, que também foi legal. Essa foi a minha experiência no sul do país e espero retornar logo.

Jordanna Braun Santos

O homem que ajudou a levar a paz

Meu avô estava trabalhando por muito tempo no exército e um certo dia foi convocado para ajudar o povo no Egito, na divisa de Gaza e Israel, para manter a paz na fronteira.

E como membro da ONU, com o batalhão suêz, que tinha 12 contingentes, em 1964 embarcou no navio de guerra brasileiro chamado Barroso Pereira. E foi em direção ao Egito. Depois da longa viagem, começou a ajudar as pessoas que passavam por dificuldades e foi isso que marcou minha família: o ato heroico de meu avô. Dos 7 países, havia 600 soldados em cada um para defender o país.

Já tinha passado muito tempo e meu avô estava sentindo muitas saudades das pessoas que ele amava. Para sua sorte, não houve batalhas, apenas muitas tempestades de areia. Com 1 ano e 22 dias, voltou para o Brasil, em 1965, e pode matar a saudade de seus familiares.

Julia Gruzska Neta

Acidente de festa junina

Essa história, que é sempre contada quando a minha família está reunida, aconteceu em junho, no dia da apresentação da festa junina da minha tia no colégio Sagrada Família, em Ponta Grossa, quando a minha avó colocou pinhão para cozinhar na panela de pressão.

O meu avô estava lavando a calçada com o meu tio, a minha tia tinha acabado de arrumar a mesa e o meu pai estava se arrumando no quarto.

Nesse momento, eles ouviram um enorme estrondo vindo da cozinha e a minha tia, muito assustada, começou a gritar.

Meu pai foi correndo ver o que tinha acontecido, acabou escorregando e saiu deslizando para fora de casa, pois com o estouro toda a água e o pinhão que estavam dentro da panela se espalharam pelo chão, pelas paredes e pelas cortinas.

Juliana Taís Ruppel

Um acidente quase mortal

Em um domingo nublado, meu pai entrou em meu quarto e falou que eu e minha família iríamos almoçar na casa do meu avô, que morava em Curitiba.

Mais ou menos 1 hora depois, saímos de casa para viajar. Os lugares no carro eram: meu pai e minha mãe nos bancos da frente, minha tia e meu irmãos atrás e eu no banco porta-malas.

Estava tudo tranquilo até começar uma chuva muito forte, meu pai foi mais devagar para não acontecer nada; como nós sabíamos que tinha um radar novo na estrada, minha tia ligou para o meu tio para saber onde o aparelho estava instalado, ela ficou uns 10 minutos falando com ele e desligou. Minha tia e minha mãe começaram a gritar e eu olhei para frente para ver o que estava acontecendo: o carro derrapou, capotou 4 vezes e parou em pé, foi muito rápido, nem deu tempo de gritar.

Um casal nos ajudou a chegar na casa do meu avô e, por incrível que pareça, não tive nenhum arranhão.

Larissa Boiko

Tal pai, tal filha

Em setembro de 2016, meu pai foi jogar bola à noite e eu e minha mãe estávamos em casa nos preparando para dormir, quando meu pai chegou carregado pelos amigos dele com muita dor na perna, pois tinha machucado no jogo.

Fomos correndo para o médico, pois achamos que ele tinha quebrado a canela. Quando chegamos lá, meu pai foi atendido super-rápido, isso era umas 22h30. O médico colocou gesso e fomos embora. Meu pai ficou imobilizado durante dois meses.

Passaram-se os dois meses e meu pai tirou o gesso. Ele estava super feliz. Passou mais ou menos uma semana e a minha amiga me convidou para ir na casa dela.

Cheguei lá na Lari, brincamos bastante, até que um momento ela disse para nós irmos brincar no hoverboard; subi no negócio, andei e, quando fui sair do brinquedo, caí muito forte. A mãe dela, tia Telma, teve que me levar ao médico, pois minha mãe e meu pai estavam trabalhando. Quando chegamos lá, demoramos um pouco para sermos atendidas. Mas, quando chegou a nossa vez, o médico disse que eu tinha quebrado o braço. Coloquei gesso e, quando fui embora, minha mãe me viu ela disse que essa história ficou tal pai, tal filha.

Larissa Caroline Viero Alves

Viagem ao Beto Carreiro

Eu, minha mãe e as minhas duas irmãs fomos ao Beto Carreiro no dia do meu aniversário. Chegando lá, eu e a minha mãe fomos na montanha-russa, enquanto minhas duas irmãs estavam no elevador (outro brinquedo).

Nos também fomos no elevador, na Big Tower, nos brinquedos de água, nos shows e em outros brinquedos. Então fomos procurar um lugar para comer e achamos um lugar que fazia hamburguês e comemos lá.

Passou um tempo e nós fomos comprar lembrancinhas como: camisetas, um chicote, um jogo e várias outras coisas. Então, quando a gente saiu do parque fomos comer novamente e voltamos para casa.

Essa história marcou minha vida, pois ela foi muito legal.

Leonardo Ferreira Kopeski

Uma mão na taça

Meu relato biográfico ocorreu em 2015, na cidade de Siqueira Campos (PR), no Torneio Paranaense de menores, eu era sub 10 (entre 9 e 10 anos), era um torneio longo, de seis rodadas de duas horas no relógio por jogador, isso dava cerca de quatro horas por partida, as seis partidas foram disputadas dentro de três dias.

No primeiro dia de competição, assim que eu cheguei de viagem em Siqueira Campos, na hora seguinte já iria começar a primeira rodada, só tive tempo de almoçar com meu pai. Teve a primeira rodada do torneio, logo depois da cerimônia de abertura, que durou cerca de meia hora. Eu ganhei com facilidade a partida; a segunda rodada era perto das sete da noite, qual eu também consegui ganhar; em seguida, eu e meu pai fomos para o hotel.

No segundo dia era três rodadas, eu ganhei com um pouco de dificuldade a primeira rodada, a partida de tarde eu ganhei sem levar "sustos", a penúltima partida do torneio, era contra o atual campeão paranaense, e o derrotei. Eu estava com uma mão no título.

No último dia de competição, eu só precisava de um empate para sair com o título, mas em uma partida de quatro horas, eu perdi em quinze minutos! Chorei até o momento da premiação, pois fiquei em terceiro lugar; ali eu descobri que águas passadas não movem moinhos.

Leonardo Hisao Herai Borges

Não tão bom

Meus aniversários nunca são em Ponta Grossa. Rio de Janeiro e Ilha do Mel são alguns pontos, os quais eu passei uma das datas mais importantes para mim. No entanto, em 2016 não foi tão bom.

Na verdade, foi alguns dias depois, lá na Ilha das Peças, ilha que pertence à Guaraqueçaba, município do litoral paranaense, bem ao norte. Eu passava minhas férias em Pontal do Paraná, próximo de Paranaguá, fui com a minha família para a Ilha das Peças. Era gostosa a comida, era tranquila e ainda deu para explorar parte da ilha, apenas as abelhas estavam atrapalhando o momento, até nós irmos numa "prancha".

Não sei exatamente o que era e nunca saberei, porque eu não vou naquilo de novo. Todos os meus familiares (exceto meu irmão) não conseguiam ficar em pé, se eu, que era o mais novo, conseguisse seria "épico"; e eu consegui porque eu era leve, mas não tive força de remar até a costa. Meu pai conseguiu nadar até mim (estava mais ou menos uns três metros de profundidade) ele poderia usar o remo se eu não o jogasse no mar, por sorte, ele conseguiu chamar um barco que passava com vários "socorros". Depois disso, fiquei um ano sem ir no mar.

Leonardo Miguel Ribas

Acasos do amor

Numa manhã de fim de inverno, quase início de primavera, de 1968, foi quando essa história começou.

"Estava voltando do Colégio Sant'Ana onde fazia na época 2º ano do Normal, no ônibus de linha e ia pensativa, pois, no auge dos meus 17 anos, ainda estava a sonhar com o meu príncipe encantado.

Eis que de repente passa sobre o banco que estava sentada e ficava a me olhar, insistentemente, um jovem alto, elegante, muito bonito e pensei: Será este, o meu príncipe encantado? Não conseguíamos desviar o olhar até o ponto que nós descemos, mas cada um seguiu seu caminho. Eu, em vez de ir para casa, dei uma passada na casa de minha futura cunhada na época, conversamos um pouco e fui embora.

Minha surpresa foi quando aquele jovem que tanto me impressionou estava conversando com meu irmão e meu pai, conversamos e a partir daí jamais nos separamos, com um ano e dois meses nos casamos". Contou minha avó. Escolhi essa história, porque, independente do acontecido recentemente, este sentimento, este amor imenso é para sempre, com certeza, e é um exemplo para mim e para toda a minha família.

Lívia Marai Kincheski Marques

O encontro

Meu tio era muito amigo do meu pai e viviam conversando. Em um dia qualquer, ligaram para o meu pai querendo que ele fosse tocar em um casamento; ele convidou os outros membros, porém havia um problema: não tinha um vocalista. Então ele ligou para meu tio e o convidou, mas ele não podia, porém conhecia uma pessoa que poderia.

Chegou o dia, arrumaram os instrumentos e iniciou o casamento, eles tocaram e apareceu uma moça que começou a cantar e assim meu pai conheceu minha mãe.

Lucas Koehler

Para Thermas dos Laranjais!

Como o título já diz, estava indo para Thermas dos Laranjais, em Olímpia, São Paulo, nas férias de 2013. Eu estava tão ansioso para chegar na cidade que eu ficava com a mania do "a gente já chegou?". E, sim, eu estava indo para o melhor parque que eu já estive! Quando finalmente chegamos, de tardezinha, eu percebi que ficaríamos no hotel do parque! Fiquei observando o hotel, a cidade e algumas coisas ali enquanto meu pai pagava a hospedagem. Depois de observar a cidade, percebi que ela não era muito de ter prédios, mas era só impressão.

Depois de algum tempo, fomos ao nosso quarto (eu, meu pai e minha mãe). Enquanto caminhávamos até ele, eu ia vendo como os hotéis eram bacanas, como existiam várias opções de lazer, piscinas, etc. Aí chegamos no quarto e, após anoitecer, fomos jantar e depois dormir, para no outro dia irmos ao parque!

De manhã, tomamos café e, após isso, compramos os ingressos. Chegamos no parque e eu já podia afirmar que seria bem divertido! Com tobogãs diversos, brinquedos diferenciados, piscinas de vários tamanhos... Ah, que dia massa! Então, quando já estávamos nos últimos dias de estadia, meus pais foram fazer compras na cidade e eu fiquei com as moças do hotel e outras crianças. Eu joguei golfe, fui à piscina, conversei com elas e outros novos amigos. À noite, esperei os meus pais voltarem para comermos e irmos dormir. No outro dia, tive que me despedir dos novos amigos, do hotel e do parque.

Lucas Stadler Karau

Minha história

Meus pais se conheceram em São Paulo, ambos vieram de bem longe dali. Poucos anos depois, eles foram morar na França por seis meses. Já casados, eles tiveram filhos, então eu e meu irmão nascemos em São Paulo.

E foi lá que moramos por dois anos, então nos mudamos para Ponta Grossa e aqui estamos até hoje.

Porém, voltamos lá atrás da história, a mudança foi difícil, pois meu pai tinha concorrido a uma vaga de emprego na cidade, então todos teriam que se adaptar a essa mudança, mas, pensando bem, aqui é bem melhor que lá.

Lucas Turchiello Gomez

"Tengo hambre"

Em 2008, eu e minha família nos mudamos para a Venezuela, país de língua espanhola. Fomos para aquele lugar lindo a trabalho do meu pai. Chegando lá, eu já sabia falar português, então eles me matricularam em uma escola que só falava espanhol.

Na Venezuela só meu pai sabia falar espanhol, o resto da família teve que aprender na raça. Um dia eu parei de falar e não falava nem português e nem espanhol e fiquei uns três meses sem falar nada, e isso foi uma preocupação para a família inteira; eles me levaram para um especialista e não resolveu. Um dia eu olhei para minha mãe e passei a mão na barriga e falei: "tengo hambre". Quando eu falei isso, foi um alívio para a família e hoje toda vez que falamos da Venezuela é contada essa história.

Luís Fernando da Luz Quevedo

Gestação da minha irmã

Havíamos acabado de voltar da Disney quando minha mãe descobriu que estava grávida. No começo de 2016, ela fez um exame de rotina no laboratório e esse exame acusou que minha mãe estava com uma doença chamada Toxoplasmose, que é uma doença transmitida por comidas cruas e mal lavadas e, também, por animais de rua. Essa doença é muito perigosa para gestantes, porque pode causar má formação no bebê.

Esse foi um momento de muita apreensão na nossa casa e em toda a nossa família, porém o exame acusou o início da infecção, então a médica da minha mãe receitou o remédio para tratar a doença, mas não havia nenhuma garantia de que o bebê não havia sido afetado. Toda nossa família fez uma grande corrente de oração para que desse tudo certo na gestação da minha mãe, e eu fiz uma promessa de que não iria comer chocolate e salgadinhos até o nascimento da minha irmãzinha para ela nascer sadia e sem problemas físicos e nem psicológicos.

Após quinze dias, a médica pediu para a minha mãe repetir o exame em outro laboratório e, para a nossa felicidade, o exame deu negativo para aquela doença, assim como os demais exames até o final da gestação. E no dia 18 de março de 2016, às 10h42, minha irmãzinha nasceu completamente sadia. Essa história marcou muito a nossa família e sempre no final do ano ou no natal agradecemos a Deus pela gestação da minha mãe ter dado certo.

Maria Clara Correa Gomes

Com disposição, venceremos

Perto dos três anos de idade eu não queria comer nada, tomava muito líquido, perdia peso e ia muito ao banheiro. Fui em médicos, fiz exames, e o que eu tinha? Diabetes.

Minha mãe, principalmente, chorava muito. Quando ela engravidou de mim, ficou quatro meses deitada, com os pés para cima, porque senão, ela me perdia. Uma vez, quando tínhamos ido à médica, no carro, ela começou a ficar triste, eu estava no banco de trás, ouvindo ela chorar, me levantei dentro do carro e a abracei. Depois, até hoje eu me lembro que falei:

– Mamãe, não precisa chorar, nós vamos conseguir resolver isto juntas!

Essa história é especial para toda a família, todos choraram, se comoveram. É muito importante, porque assim, a família se une, se ajuda, vê como é importante cuidar bem da saúde, da alimentação e da família.

Maria Luiza Borg

A fuga

Minha tataravó conheceu meu tataravô, que era italiano, na floresta, ele puxou-a pelos cabelos e disse: "você será minha", é assim que eu tenho descendência de índio búlgaro, porque minha tataravó era índia búlgara.

Eles juntos fugiram da Itália, onde eles moravam, em um barco de refugiados, que tinha muitas doenças e pragas. Eles praticamente foram sobreviventes.

Quando chegaram ao Brasil, eles desembarcaram em São Paulo, e pegaram um carroção onde ficaram muitos dias, até alguns meses para chegar em São Roque.

Chegando lá, não tinha nada: não tinham casas, mercados, nada mesmo, eles sozinhos tinham que derrubar árvores e construir suas próprias casas e caçar pela comida.

Mateus Pasqualini Catossi

Grandes feitos dos anos 90

Em outubro dos anos 90, Michelle Mantovani, uma estudante de medicina, estava pela segunda vez tentando vestibular de medicina.

Após dois anos seguidos, ela queria passar para avançar rapidamente em seus estudos, o seu pai a ajudava, mesmo que ela não soubesse se realmente queria medicina ou jornalismo. No dia da prova ela pediu uma carona para o seu namorado.

O namorado dela havia passado à noite trabalhando em uma ambulância, por isso estava com muito sono. Então, em poucos segundos, ele acabou dormindo no volante e quando viu estava de frente para um poste no meio da estrada.

De repente, ela acordou no hospital, com dores na cabeça e na região do ombro e percebeu que não conseguia mexer o seu braço. Mesmo com pouco movimento e problemas do acidente, ela conseguiu fazer a prova e passar no vestibular.

Matheus Mantovani Ribeiro

A brincadeira que não deu certo

Um dia, eu, meu tio, minha tia, meu pai, minha mãe e minha irmã estávamos na praia e minha irmã doida para entrar na água, chamando meu pai para entrar no mar, mas meu pai estava bebendo, então meu tio se ofereceu para ir com ela.

Quando os dois estavam perto do mar, eu e meu pai gritamos: "esperem". Eles viram e ficaram esperando a gente, nós fomos o mais rápido possível para o mar, estávamos perto de uma zona de área bandeira vermelha. Eu e meu tio estávamos brincando de dar cambalhotas e uma onda veio e puxou eu e meu tio direto para a zona vermelha, um pouco para o fundo.

Estávamos nos afogando; eu tentando nadar e meu tio tentando nadar para o raso, meu pai conseguiu me ajudar, mas meu tio não, então o salva-vidas foi ajudá-lo, ele falou para tomarmos mais cuidado. Essa história marca minha família, porque toda vez que vamos à praia lembramos disso e sempre tomamos mais cuidado.

Matheus Marques Seixas

A melhor viagem

Em 2012, eu viajei com meu amigão, Gabriel Hito, para Água de Palmas; essa foi a melhor viagem da minha vida. Chegamos ao meio dia, estávamos morrendo de fome e o restaurante era por buffet e os sucos e refrigerantes eram ilimitados; lembro que eu e o Gabri pegamos mentos e colocamos na Coca-Cola e definitivamente não aconteceu nada. Depois de comer, fomos ver os quartos, era um do lado do outro.

Nos espantamos de tão bonito que era, então nós fomos tomar banho e fomos direto para a recreação. Nos divertimos muito, os recreadores eram muito legais, fomos na piscina, na praia e voltamos umas 18h, tomamos banho de novo e fomos jantar.

Foi muito constrangedor o que aconteceu nesse dia, pois, quando estávamos indo comer com os "tios", eu derrubei meu prato no chão e fiquei muito envergonhado, pois a menina que eu "gostava" estava bem na minha frente.

Após comer, fomos brincar de canibal, que é uma das brincadeiras mais legais e assustadoras. No outro dia, eu e o Gabri descobrimos que o "cartão" do nosso quarto abria os outros e por isso nós nos achamos demais.

Resumindo, foi a melhor viagem, pois tudo fica melhor com as pessoas que você ama.

Murilo Inoue Michaloski

A surpresa da cama

Em um dia ensolarado, sem nuvem no céu, meus tios Anabete, Priscila, Isabel, Maria Lúcia e Adolpho Junior, há 25 anos, brincavam sobre o sol escaldante. Eles brincavam no quintal, já que era verão e o horário os ajudou, e brincaram até cerca de oito horas da noite.

Assim que pararam de brincar, a mãe deles (minha avó) os chamou para tomarem banho. O pai deles, meu avô, havia acabado de chegar em casa do trabalho, então foi o primeiro a tomar banho e, já que eram muitos, minha mãe decidiu entrar no quarto dela e costurar uma boneca com tamanho semelhante ao dela, com roupas velhas.

Minha mãe, Isabel, terminou de costurar a boneca pouco antes de ser chamada para o banho; quando foi chamada, ela não sabia onde guardar a grande boneca, então guardou-a embaixo da cama e foi para o banho.

Já à noite, na hora de dormir, minha tia Maria Lúcia, assustada com os estalos da parede, já sonolenta, decidiu olhar embaixo da cama para se acalmar; mas ao ver a grande boneca se assustou e gritou. Rapidamente seus pais e irmãs foram socorrê-la; minha mãe explicou que ela havia feito uma boneca e acalmou a irmã. E a história marcou pelo humor.

Murilo Roth de Souza

O dia em que o Bóris caiu do telhado

Vou contar uma história! Que foi um grande susto e agora é uma piadinha sobre o Bóris, meu animal de estimação!

Tudo começou no dia nove, quando eu e o resto da minha família fomos à praia (essa história se passa no terceiro dia na praia). Pulando as coisas chatas, vamos direto para a ocasião! Um tempo antes, de noite, o Bóris pulava e descia da cama onde eu estava, enquanto eu assistia globo (o carnaval), aí eu mexi no computador por umas três horas, e eu e o Bóris dormimos depois que o sono veio.

No dia seguinte, minha mãe acordou primeiro que eu e o Bóris também, ele seguiu minha mãe enquanto eu estava dormindo. Nessa casa de praia havia dois andares, o primeiro tinha piscina, vários quartos, área de lazer e cozinha, já o segundo eram mais quartos e uma cozinha minúscula. O meu quarto, da minha mãe, da minha irmã e o namorado dela era à esquerda da cozinha.

Quando minha mãe desceu as escadas, o Bóris não a seguiu, ele foi para o outro lado e entrou em um buraco que dava no telhado. Ele foi até o lado do telhado "que dava no vizinho" e o Bóris escorregou, caindo na mesa do vizinho; "ele" fingiu que estava morto, mas quando o vizinho foi pegá-lo, o Bóris latiu, então o moço pegou o Bóris e entregou-o para a gente.

Nicoli do Nascimento Soltovski

Domingo de caça

Eu me lembro dessa páscoa como se fosse ontem, foi há uns 2, 3 anos e foi assim:

Era um domingo normal, fomos à missa (apesar de que a missa demorou muito mais), então, logo depois de sairmos da missa, fomos para Piraí do Sul - PR.

Chegando lá, cumprimentei todos os meus parentes que não vejo com frequência, pois moram em outra cidade. Então, chegou a melhor parte do dia, o almoço, porque nessa hora, além de comermos todos juntos, podemos conversar sobre tudo. Depois do almoço, a minha prima rica chegou com os ovos do "Ferrero Rocher", e eu continuei quieto com os meus da "Cacau Show".

A caçada aos ovos começou (agora irei contar o que eu sei da história):

Lá estava eu procurando o meu ovo e, sinceramente, acredito que passei por ele várias vezes, mas, quando já estava perdendo a esperança de achá-lo, finalmente encontrei. Chega minha vez de esconder o ovo do meu cunhado Michel, como estava sem nenhuma ideia, meu primo Luan escondeu o ovo para mim (até hoje não sei onde ele o escondeu, mas meu cunhado achou e é o que importa). O ovo da minha irmã estava em cima de uma árvore e ela não conseguiu pegar. O de minha avó era o mais fácil, mas ela demorou para achá-lo.

Essa história é marcante para mim, porque foi um dos poucos momentos que vi minha família inteira.

Otavio Marcondes Said

O ladrão da luz amarela

Era um dia de semana, quase 6 horas da manhã, todos estavam dormindo, menos minha avó.

Ela escutou um barulhão na sala, mas achou que era meu tio, porque ele tinha 19 anos e estava indo para o exército, ou outra pessoa, mas não era ninguém da casa.

Minha avó escutou o barulho da porta do outro quarto se abrindo. De repente a porta do quarto dela se abriu, era uma pessoa desconhecida, estava armado! Ela deu um grito que acordou meu avô, o ladrão apertou o gatilho, mas a bala não saiu. Meu avô e meu tio lutaram até a sala contra ele.

Minha tia foi buscar uma corda e eles o amarraram e chamaram a polícia. Ao chegar, bem mais tarde, eles falaram que ele vinha roubando casas com uma lanterna de luz amarela, era perigoso e procurado, nunca tinha sido preso, porque morava em Curitiba e vinha de ônibus à noite para roubar e voltava para lá após os roubos. Isso faz bastante tempo, porque minha mãe e minha tia eram crianças.

Essa história marcou minha família, porque eles conseguiram pegar um ladrão que causava medo e nunca tinha sido preso, e até hoje eles lembram dela e a contam.

Rafael Bozz Piazzetta

zzz

O mais incrível roubo dos anos 40

Quando minha avó era criança, em meados dos anos 40, havia um armazém perto de casa, onde eram feitas as compras da família.

Um dia, minha avó e minha tia foram com a mãe ao armazém e viram que havia num canto uma caixa de madeira repleta de bolinhas de gude novinhas. Imediatamente, pediram para minha bisa comprar, mas a resposta foi um claro:

– Não! Isso é brinquedo de guri!

Elas ficaram caladas, porém, muito inconformadas e, logo ao chegarem em casa, começaram a estabelecer um "plano de ataque" para quando fossem mandadas ao armazém.

A oportunidade surgiu logo no dia seguinte. Vestiram vestidinhos com bolso e partiram para o ataque.

O Sr. Paulo (dono do armazém) estava atendendo uma freguesa, elas encheram os bolsos e após pegarem as compras foram saindo, não sem antes observarem se ele havia notado alguma coisa. Ele olhava fixamente para os bolsos delas, mas não falou nada.

Ao chegarem em casa, começaram a brincar, sem notar a presença da mãe que ficou intrigada e perguntou quem havia dado dinheiro a elas. Então, acabaram confessando. Ela levou-as ao armazém, puxando-lhes as orelhas; lá foram obrigadas a pedir desculpas ao Sr. Paulo, devolvendo as bolinhas. Ele falou que não disse nada, porque conhecia a família e sabia que elas iriam voltar.

Rafaela Pacheco

Paris aloprada

Esses acontecimentos marcaram minha família, porque aconteceram em uma viagem importante para nós quatro, a viagem de quinze anos da minha irmã.

Em um dia ensolarado, eu e minha família decidimos conhecer melhor a cidade, a pé. Nós colocamos nossas roupas mais bonitas. Minha mãe estava linda, com um sobretudo rosa bebê cheiroso e uma bota preta de salto. Todos prontos! Estava na hora de conhecer aquela deslumbrante cidade de ponta a ponta.

Um tempo depois, eu e minha mãe compramos uma água e sentamos em um banquinho da praça, porém, do nada eu vejo uma gosma líquida escorrendo no casaco cheiroso da minha mãe. Sim, era cocô de passarinho! Minha mãe fez um escândalo e ficou gritando, morrendo de nojo, mas no final deu tudo certo.

O dia mais esperado dessa viagem chegou! Iríamos para à Torre Eiffel: "nossa, esse foi o dia mais incrível da minha vida", eu pensava dentro do Uber que tínhamos chamado para voltar ao hotel. Chegamos! Eu e minha irmã saímos primeiro, passamos por um velho anãozinho e olhamos para trás, só serviu para ver minha mãe caindo em cima do mesmo anão enquanto saia do Uber. Eu e minha irmã estávamos morrendo de rir, na hora que minha mãe se desculpava em português com o anão francês.

Rafaella de Britto Ferreira

Os mistérios inusitados

Hoje meu avô tem 89 anos, mas, quando ele tinha 50 anos, viu na sua frente um caminhão que estava seguindo viagem. Quando meu avô quis ultrapassá-lo, ele percebeu que o caminhão tinha desaparecido e em nenhum momento apareceu na pista novamente. Meu avô ficou com medo.

No dia seguinte, ele estava contando a história para seu funcionário; eles no carro viajando novamente, quando o funcionário contou a meu avô que sempre pulava um veado naquela estrada e, de repente, aconteceu: um veado pulou e eles tiveram que parar imediatamente para não bater nele e nem em algum mais.

Eles voltaram para as suas casas e contaram às suas famílias o que de tão interessante aconteceu e todos ficaram muito surpresos.

Achei essa história interessante pelo fato do tal caminhão, que não foi mais encontrado, e a coincidência de que no dia seguinte aconteceu outro fato bastante curioso. Um mistério.

Samuel Machado Fae

A corrida do pneu tubular

Antigamente, meu pai participava de um grupo de ciclistas aqui em Ponta Grossa. Ele competia em outras cidades e já ganhou várias medalhas. Em 1987, ele estava se preparando para uma competição no centro de Curitiba, seu grupo saiu de Ponta Grossa com uma Kombi da prefeitura.

Chegando lá, todos começaram a se preparar. Havia duas corridas, uma para os novatos e outra para os veteranos; meu pai era veterano, então corria mais tarde. Enquanto se preparava, percebeu que seu pneu dianteiro estava meio gasto (era um pneu tubular, colado direto no aro) e, para obter um desempenho melhor, resolveu trocar de pneu com um colega que já havia corrido. Feito isso, a competição começou. O pneu de seu colega não estava bem preso e, no meio da corrida, ele soltou. Meu pai levou um tombo enorme e ainda fez um boliche com outros ciclistas.

Ele foi levado ao hospital e teve que dar onze pontos no braço e alguns na perna. Muito chateado, voltou para casa todo costurado e ficou o resto do dia em uma balança na casa do meu avô. E, desde este dia, quando meu pai lembra da sua época de ciclismo, esta história é contada!

Sofia Nascimento Czelusniak

Fugindo da tragédia

Em 1939, um pequeno navio saía da Alemanha, fugindo da Guerra. Esse navio ia para o Brasil, especificamente para o Paraná.

Nessa embarcação, havia um importante membro da minha família, afinal se ele não tivesse fugido para o Brasil, eu não estaria aqui. Esse era meu bisavô, que era contra as ideologias nazistas, fugia o mais rápido possível para um lugar seguro. Havia nessa embarcação também uma mulher, pela qual ele se apaixonaria.

Após a chegada do navio no Brasil, eles se abrigaram em Reserva, mesmo com todo o preconceito contra os alemães, por causa da guerra, eles não saíram de lá, persistiram e formaram uma família.

Sempre quando vejo algo relacionado à segunda guerra mundial me lembro dele.

Sophia Heil Betio

Quando eu andei

No dia que comecei a andar foi uma surpresa para meus pais, porque foi bem no dia do meu aniversário, 20/04/2005, em um barracão no sítio do meu padrinho.

Meus pais convidaram muita gente, pois era meu primeiro aniversário, com o tema Puff: um ursinho que eu, naquela idade, amava. Teve muitos brinquedos, como: cama elástica, piscina de bolinha, mini carrossel e escorregador, além dos campos de esportes, os quais tinham mais adultos.

Meu pai muito feliz estava comemorando e bebendo, assim como minha mãe e eu. Até as crianças, que eram meus primos, começaram a correr perto do salão e eu, que não sabia andar, só engatinhava, estava tentando acompanhá-los, mas não conseguia. Do nada, me levantei e comecei a andar, meus pais vendo tudo começaram a chorar de alegria, voltamos para casa e eu não parava, ficava andando e meus pais abrindo os presentes. Essa história ficou marcada porque, sempre que os amigos da minha mãe falam sobre isso, ela conta que foi no dia do meu aniversário.

Victor Hugo Dalla Bona

A pesca da morte

Tenho muitas lembranças boas da minha infância e algumas histórias para contar sobre meus bisavós maternos, em especial meu bisavô, seu apelido era Bepê, um diminutivo de José em italiano.

Uma das histórias foi chocante, que marcou a família. Ela aconteceu quando eu tinha apenas 5 anos de idade. Avô Bepê era muito especial e, até no dia que partiu desse mundo, ele estava fazendo o que gostava: pescar. Certa tarde, aos seus 80 anos, avô Bepê em um lago perto de sua casa (em um sítio), resolveu pescar; algum tempo depois, meu tio de longe pode ver quando ele deitou para trás (ainda com a vara de pescar na mão), meu tio pensou que era somente uma de suas brincadeiras, aproximou-se, mas, quando chegou mais perto, percebeu que estava desacordado.

Muitos dizem que essa foi uma bela despedida para um homem que tinha a alegria de viver com sua família, o momento final de sua vida ficou marcado.

Vinicius Bernardo da Silva

Uma nova jornada

No ano de 1935, a família Flugel estava partindo da Suíça para o Brasil, pois naquela época a Europa estava em uma crise econômica. Saindo da cidade de Sant Gallen com direção ao Rio de Janeiro, com a promessa de ganho de terras para recomeçar a vida e criar seus filhos, partiram de lá o avô, a avó, o pai, a mãe, a irmã e os tios de minha avó paterna.

Quando chegaram no Rio de Janeiro, perceberam que foram enganados e com isso tiveram que ir para Rolândia (meia hora de Londrina). Lá tiveram a oma (avó) e mais dez filhos. Viveram sua adolescência, mas ela e alguns irmãos decidiram ir para Curitiba tentar a vida.

Casou-se e teve meu pai e meu tio, anos depois ela retornou para a Suíça, para a cidade de Sant Moriz, para trabalhar como cozinheira em um hotel.

Anos mais tarde, fomos visitar nossos parentes na Suíça, Alemanha e na Áustria. No seu aniversário a levamos para Sant Moriz e lá ela viu novamente seu ex-chefe. E, por conta desse fato, nós somos cidadãos suíços. Essa história foi dedicada à minha avó já falecida.

Vitória de Vargas Raduenz

Recomeço

Essa história marcou muito minha família, pois alguém ir para outro país não é fácil. E foi exatamente o que minha tia fez, tudo isso para correr atrás de seus sonhos.

Era para ser mais uma tarde normal, mas uma notícia mudou tudo. O namorado da minha tia foi transferido para os EUA e iria morar lá. E em um mês ele foi. Ela passava os dias chorando, tudo o que ela queria era ir com ele, mas não havia dinheiro o suficiente, porque ela estava na faculdade. Então, minha mãe não aguentando mais vê-la triste, emprestou-lhe dinheiro, ela comprou a passagem e foi.

Em 2004, ela chegou nos EUA. No começo ela trabalhava como empregada doméstica e cuidadora em uma casa, enquanto refazia a faculdade e tentava tirar a cidadania americana. Hoje, ela é fisioterapeuta chefe no America's childrens hospital, tem dois filhos e mora em uma casa maravilhosa.

Essa é uma história para defender o que você quer, correr atrás dos seus sonhos e fazer o que te faça feliz, não importa o que os outros achem. Eu a escolhi, porque isso é um exemplo de tudo o que eu defendo e acredito.

Yasmin Czervenny Schoemberger

Em risco de morte

Em um belo dia, dois irmãos serviam ao exército húngaro, um se chamava Zoard e o outro Elemén. Os dois tinham 18 anos e sempre ficavam juntos no quartel.

O exército da Hungria dependia da União Soviética, mas ninguém do quartel húngaro estava gostando e, em 1951, o exército e os dois irmãos atacaram e mataram alguns do exército da União Soviética.

O chefe do exército da Hungria preparou três aviões para os soldados saírem do país, pois estavam correndo risco de morte. Os dois irmãos escolheram o avião, que iria para o Brasil.

No Brasil, Zoard foi um grande professor na cidade de Cataguases (MG), encontrou uma linda mulher, chamada Teresinha, e com ela teve três filhos: Katalin, minha tia, Zoard, meu pai, e Andrea, minha tia. Elemén teve uma família que mora em São Paulo.

Zoltan Consuli Lacerda Geocze

PROJETO LITERÁRIO COLETÂNEAS SEPAM

O Projeto Literário Coletâneas Sepam faz parte dos projetos pedagógicos do Colégio Sepam há dois anos, tendo como principal objetivo estimular os nossos alunos à prática da escrita, mostrando-lhes que cada um possui sua habilidade e identidade discursiva por meio do texto escrito, e que não podemos nos prender nas premissas: "eu não sei escrever" ou "o professor é o único leitor do meu texto".

Integrante da disciplina de Produção Textual, esse projeto permeia todos os anos do Fundamental II, com a finalidade processual do desenvolvimento da escrita. Não buscamos materiais perfeitos, mas textos com as peculiaridades dos nossos alunos escritores, assim como com a exposição do conhecimento de mundo e das experiências de cada um deles. O Projeto em si vislumbra dar asas às palavras tecidas na sala de aula, invadindo outros espaços e encantando desconhecidos leitores.

Sepam
colégio